

FORMANDO JORNALISTAS PARA UM MUNDO SUSTENTÁVEL

Texto produzido para o I Congresso Brasileiro de Jornalismo Ambiental, realizado em Santos (SP) em outubro de 2005, no qual o autor participou como palestrante no seminário "Formação em jornalismo ambiental".

A formação do jornalista será inevitavelmente incompleta – para não dizer deficiente – se na grade curricular do curso de nível superior não forem feitos os devidos ajustes para que se revelem os impactos sem precedentes que pessoas, empresas, governos e, de uma forma mais ampla, o atual modelo de desenvolvimento (os meios de produção e de consumo) geram sobre os recursos naturais, a qualidade de vida e a desigualdade social.

O senso de urgência que o assunto requer e a dimensão planetária da crise justificam, por si sós, a atualização dos conteúdos pedagógicos. O estudante de jornalismo precisa conhecer, já na universidade, as causas e as conseqüências da crise ambiental em que estamos mergulhados; analisar os diagnósticos baseados em indicadores científicos que emprestam credibilidade aos que defendem a mudança de paradigma; e habilitar-se a denunciar o que vai contra os interesses da vida.

As universidades se assemelham muitas vezes a fábricas de tijolos quando se preocupam em formar alunos sob medida, por meio de cursos estritamente comprometidos em suprir as demandas do mercado. Relega-se, nesses casos, o curso de nível superior a um papel medíocre, nivelador, sem a perspectiva de discutir a fundo o papel do jornalista num mundo em transformação e com novas demandas na área da informação.

Quando se discute a função social do jornalista, é importante abrir espaço no meio acadêmico para o questionamento pontual e contundente do chamado "movimento de manada", alienado e insano, na direção do imediatismo, do lucro fácil e rápido, do projeto individual em detrimento do coletivo, da globalização assimétrica (que privatiza o lucro e democratiza o prejuízo), da indiferença à lenta agonia de um planeta que dá evidentes sinais de saturação. É esse "movimento de manada" que nos projeta na direção do abismo sem que haja espaço para a reflexão, para o questionamento do modelo, para a revisão dos conceitos já estabelecidos e que se cristalizam como dogmas de uma fé tragicamente cega.

A visão sistêmica no curso de jornalismo

Não se deve exigir do estudante – nem do profissional de comunicação – a formação do especialista. O especialista é a fonte. Ao jornalista cabe a função de identificar os assuntos que merecem visibilidade e, especificamente na área ambiental, traduzir os saberes da ciência de forma clara e objetiva.

Para isso, seria muito importante dispor, já na largada da profissão, de um pacote mínimo de informações que o ajude a definir o que cabe destacar como notícia, ou, como dizemos nas redações, o lead.

Um dos grandes desafios de uma disciplina sobre jornalismo ambiental – ou outro nome qualquer que se queira dar a um curso que atenda aos requisitos formulados acima – seria, a meu ver, o de compatibilizar o exercício da visão sistêmica (ampla, integradora, que enxerga o universo como um conjunto de fenômenos interdependentes, que interagem o tempo todo) com o lead (reducionista, sintético, supra-sumo da notícia,

extrato objetivo do fato). É possível usar a visão sistêmica no jornalismo sem prejuízo do lead? A resposta, definitivamente, é SIM. Disseminar no jornalismo essa perspectiva significa agregar substância à notícia, estabelecendo novos parâmetros de cobertura em diferentes editorias. Vejamos o caso do aquecimento global, cujos efeitos devastadores previstos pelo Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas da ONU (IPCC) justificaram a elaboração do Protocolo de Quioto, que virou tratado internacional desde fevereiro de 2005. O entendimento do que seja o fenômeno do aquecimento global, de suas causas e conseqüências, abre inúmeras possibilidades reais de cobertura para o jornalista em diferentes editorias. Este, aliás, é um ótimo exercício em sala de aula para praticarmos a visão sistêmica no jornalismo. Já informados sobre o aquecimento global, os alunos são estimulados a produzir pautas livremente, procurando investigar os diferentes aspectos inerentes ao tema.

AQUECIMENTO GLOBAL – PAUTAS QUENTES PARA DIVERSAS EDITORIAS

Editoria de economia

- Previsões da ONU sobre mudança do ciclo da chuva preocupam países como o Brasil, onde a agricultura é forte e a fonte de energia predominante é a hidreletricidade.
- Mercado de carbono abre excelentes perspectivas de investimento estrangeiro no Brasil, principalmente em projetos de energia renovável, reflorestamento e aterros sanitários de lixo.
- A medida que ganham escala, as fontes de energia renovável tornam-se mais rentáveis e interessantes para os investidores.
- Morte de corais pela elevação da temperatura média dos oceanos ameaça ecossistemas marinhos e preocupa indústria pesqueira.

Editoria de relações internacionais

- À frente do G-8, primeiro-ministro britânico pressiona Estados Unidos a aderirem a Quioto.
- Estados Unidos e mais cinco países da Ásia anunciaram um acordo paralelo ao Protocolo de Quioto.
- Sob ameaça de desaparecimento, líderes de países-ilha apelam à ONU para que Estados Unidos ratifiquem o Protocolo.
- Países industrializados pressionam Brasil, China, Índia e Indonésia a adotarem compromissos formais de redução de gases-estufa.

Editoria de esportes

- Degelo dos Alpes ameaça realização das próximas edições dos Jogos de Inverno.
- Aumento da temperatura média do planeta impacta desempenho de atletas, especialmente nos trópicos.
- Jogadores de futebol reclamam de onda de calor nos jogos marcados para as 16h no horário de verão. Tendência é piorar.
- Organizadores do Circuito Mundial de Surfe comentam previsões dos cientistas sobre elevação do nível do mar.

Editoria de turismo

- Desaparecimento de neve ameaça roteiros turísticos consagrados mundialmente.
- Correndo contra o tempo: destinos paradisíacos onde ainda há neve no inverno.
- Visite antes que suma: Tuvalu, Ilhas Marshall e outros países-ilha são opção de turismo exótico.
- Maior incidência de furacões, tornados e tufões muda rotina dos parques da Flórida.

Editoria de ciências

- Prefeitura de São Paulo lança inventário de emissões de gases-estufa. Medida é o primeiro passo para planejar redução das emissões.
- Governo Bush prefere investir em novas tecnologias para seqüestrar carbono da atmosfera.
- Aquecimento global muda metabolismo das árvores.
- Novo relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima da ONU faz previsões de aumento de temperatura e elevação do nível dos mares.

Um dos exercícios de visão sistêmica que pratico com meus alunos da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) foi inspirado numa conversa que tive com o teólogo e escritor Leonardo Boff. Quando ainda me detinha no planejamento do curso de jornalismo ambiental daquela universidade, soube por ele de um professor de Brasília que lecionava ao ar livre, aproveitando os exemplos da natureza para alcançar os objetivos do curso.

Resolvi fazer isso com meus alunos. Depois de entendermos conceitualmente o que é a visão sistêmica – por leituras de textos e debates – seguimos para uma aula no campus, ao ar livre, na qual a turma é convidada a colocar em prática os novos conhecimentos adquiridos. Um de meus destinos prediletos é o estacionamento da universidade. Sugiro que a visão sistêmica seja construída a partir de um ponto específico, sobre o qual vamos tecendo uma vasta teia de relações. O objetivo final do exercício é a percepção da teia da vida, a experiência concreta de que estamos todos interligados, e que as relações de causa e efeito estão presentes em cada pequeno detalhe do cotidiano.

“O que nós estamos vendo aqui? Um enorme estacionamento. Vamos prestar atenção nos detalhes. O piso é de asfalto, e aí cabe a nossa primeira reflexão. Mais do que a terra batida que havia antes, o asfalto acumula calor e esse calor aumenta a temperatura média do campus. A construção do estacionamento implicou também a retirada de algumas árvores, o que faz aumentar ainda mais a sensação térmica de calor.

A elevação da temperatura média do campus poderá implicar o maior gasto de energia com aparelhos de ar-condicionado e ventiladores. Aumenta-se o custo operacional, eleva-se a mensalidade dos alunos. Nas áreas sem refrigeração é possível que essa dose extra de calor gere maior desconforto e, eventualmente, perda de produtividade.

Vejamos outro efeito importante causado pelo asfalto. A absorção de água de chuva do asfalto é muito menor do que a da terra batida que havia antes da construção do estacionamento. Há, ainda, o complicador de não haver ralos ou galerias de água pluvial. Portanto, em dias de chuva, milhares de metros cúbicos de água que antes eram absorvidos neste terreno, agora sobrecarregam os bueiros e as galerias de água pluvial das ruas próximas, aumentando o risco de enchentes na região.

A maior oferta de vagas no campus facilita a vida de professores, alunos e funcionários que têm carro. Torna-se mais conveniente e confortável seguir para a universidade usando meios de transporte individuais. Aumenta-se, por outro lado, a carga de veículos nas ruas da cidade, na escala do milhar. Mais engarrafamento, mais poluição, mais emissões de gases-estufa. É possível até que muitos usuários do estacionamento morem perto daqui, mas não resistem ao apelo de vir de carro em lugar das pequenas – e saudáveis – caminhadas diárias”.

Quando encerro meu exercício de visão sistêmica do estacionamento, procuro me certificar de que todos os alunos entenderam a dinâmica proposta e peço que passem

livremente pelo campus ou pelos arredores da universidade, à procura de novos exemplos, que serão relatados oralmente na aula seguinte. Cabe aqui uma observação: é emocionante perceber, a partir do relato dos alunos, como esse simples exercício abre novas perspectivas de leitura da realidade. Latas de lixo, pontos de ônibus, viadutos, bicicletário, torneira pingando no banheiro do campus são alguns dos exemplos que serviram de partida para a redescoberta de uma realidade para a qual não se tinha ainda a devida consciência. A paisagem ganha vida, porque tudo está em movimento. O universo é dinâmico. E cada peça do tabuleiro interage com as outras. Compreender e praticar a visão sistêmica são rudimentos importantes no exercício do jornalismo. E essa predisposição em enxergar sistemicamente será de grande valia na descoberta de novas pautas ou na abordagem mais completa dos mesmos assuntos. Em última instância, o que se pretende é qualificar o trabalho do jornalista não apenas para denunciar o que está errado, mas também para sinalizar rumo e perspectiva para a sociedade, através das histórias que conta ou escreve.

Encarando o mercado de trabalho

Munido das poderosas lentes da visão sistêmica, consciente do lado nefasto de um modelo econômico descomprometido com a sustentabilidade e predisposto a fazer sua parte por um mundo melhor e mais justo, o jornalista recém-formado poderá se desiludir depressa se achar que vai encontrar pela frente as portas abertas para realizar suas nobres intenções.

São inúmeros os obstáculos: preconceito com os assuntos relacionados a meio ambiente (porque este seria um assunto “menor” ou porque ameaçaria injustificadamente o desenvolvimento econômico); eventuais pudores do veículo para o qual trabalha em relação a assuntos que possam causar constrangimento aos patrocinadores; falta de cultura e de visão de mundo de colegas que ocupam cargos superiores, e que se sentem ameaçados por novas idéias ou modelos de cobertura. Ser jornalista e buscar alguma formação na área ambiental significa ingressar em um movimento que demanda cuidados e estratégia. Ainda assim, é preciso reconhecer que já foi muito mais difícil emplacar pautas do gênero na mídia brasileira. Aos poucos, novos e importantes espaços vão se abrindo, pela enorme demanda de informações qualificadas nessa área.

O ponto de partida sempre será a pauta. Mas muitos jornalistas se apressam em sugerir uma reportagem sem qualificar a pauta, sem ter argumentos para defendê-la, sem conseguir demonstrar a relevância do projeto e o quanto seria importante investir nessa direção. Darei um exemplo ocorrido comigo, para justificar os cuidados que devemos ter na sugestão de pautas que podem, a princípio, causar alguma reação negativa.

O consumismo sempre foi um assunto complicado de se tratar na mídia, uma vez que as empresas de comunicação são mantidas basicamente com recursos da publicidade. Para muitos jornalistas, uma abordagem mais crítica sobre o consumismo pode parecer um gesto tresloucado, como dar um tiro no pé. Entretanto, o exercício da visão sistêmica nos revela o enorme problema causado pelo consumo compulsivo – que, pela demanda crescente de matéria-prima e energia, acelera a degradação dos recursos naturais numa escala global. É, portanto, assunto de interesse jornalístico.

Em dezembro de 2004, decidi arriscar. No mês do Natal, encaminhei para o jornal O Globo um artigo intitulado “Consumindo a vida” (ver pág. 21), em que reproduzia os dados da ONU e de organizações não-governamentais internacionais e brasileiras que denunciavam os atuais “meios de produção e de consumo” como os maiores vilões

ambientais da atualidade, pela voracidade com que dizimam os recursos naturais não-renováveis. Ao estabelecer a diferença entre consumo e consumismo, o artigo legitimava a crítica contra o uso perdulário dos recursos, sem perder de vista a importância do consumo: "O consumo é fundamental à vida. O consumismo desequilibra a vida". E, a partir dessa diferenciação, descobri um caminho possível para abordar um assunto que, para muitos colegas de profissão e para mim mesmo, era tabu na mídia.

Dias depois de o artigo ser publicado (o que para mim foi motivo de muita alegria, pelas razões citadas acima), foi ao ar pela Globo News uma entrevista de 23 minutos de duração com o diretor-presidente do Instituto Akatu para o Consumo Consciente, Hélio Mattar, discorrendo sobre os mesmos assuntos (ver pág. 26). Na edição, incluí na abertura do programa as impressionantes imagens da multidão que, todos os anos, sempre no mês de dezembro, aglomera-se de madrugada nas ruas de Nova York à espera do início da liquidação da Macy's, uma das mais famosas lojas de departamento do mundo. Quando as portas do estabelecimento se abrem, inicia-se o "estouro da boiada", com pessoas caindo no chão e sendo atropeladas por outras que vêm atrás. Após a exibição das imagens, seguiu-se uma entrevista marcada pelo equilíbrio e sensatez do convidado, que conseguiu dar numerosos exemplos de como o consumismo ameaça a qualidade de vida da maioria da população. Demarcou-se a fronteira que separa o consumo racional do irracional, o necessário do supérfluo, e o impacto de nossas escolhas sobre o mundo em que vivemos.

Estou convencido de que o espaço do jornalismo ambiental está destinado a crescer em todas as mídias, e que isso se dará ainda mais rapidamente à medida que os profissionais da imprensa souberem fundamentar suas pautas com boas fontes e informação qualificada. O jornalista recém-formado logo se dará conta de que não poderá contar as histórias que deseja do jeito que bem entender. O apressado se desilude com a profissão e, não raro, perde o idealismo, navegando à deriva num mercado onde muitos bons jornalistas emprestam seus talentos e textos a projetos com os quais não guardam a menor afinidade.

O bom jornalismo é aquele que se preocupa em ouvir os dois lados da história, oferecendo ao leitor/ouvinte/telespectador/internauta a chance de formar juízo de valor sobre o assunto em pauta. Mas isso não livra o jornalista de ter sua visão de mundo, suas convicções, seus ideais. Essa visão do trabalho do profissional de imprensa é maravilhosamente expressa por Marcos Sá Corrêa, no pós-fácio do livro Chico Mendes – crime e castigo, de Zuenir Ventura, quando comenta o trabalho realizado pelo colega de redação do Jornal do Brasil:

"(...) Foi ao Acre por 4 ou 5 dias. Ficou um mês. Ao voltar, não trazia só a reportagem que no fim do ano levaria o Prêmio Esso. Trouxe mais. Trouxe um modelo de cobertura jornalística que, sem ter uma linha de isenção, conseguia mostrar todos os lados de uma história que, no fundo, tinha um lado só. E acabou trazendo até a testemunha que poria os assassinos de Chico Mendes na cadeia (...)"

Um livro referencial para que se possa entender essa sutileza no exercício da profissão é Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir, de Bill Kovach e Tom Rosenstiel. O desprestígio dos jornalistas perante a opinião pública norte-americana (em 1999, apenas 21% da população achavam que a imprensa se preocupava com as pessoas) levou um grupo de 25 dos mais importantes jornalistas daquele país a criar um grupo de trabalho para discutir os rumos da profissão. Depois de 21 fóruns que reuniram mais de 3 mil pessoas e 103 horas de entrevistas gravadas com jornalistas, os dois autores do livro publicaram o resultado final dos trabalhos: os nove princípios básicos da profissão de jornalista.

“Os jornalistas devem ser livres para trabalhar de acordo com sua consciência” é um dos princípios que considero extremamente importantes, principalmente quando lidamos com assuntos que desagradam os poderes político e econômico, não comprometidos com a sustentabilidade. Não será possível ganhar todas as batalhas, mas há que se ter inteligência e estratégia para seguir em frente. A luta é boa. A causa é nobre. A hora é essa.